A CONSTRUÇÃO DE PROJETOS NOS COTIDIANOS DO CPM: UMA PARCERIA ESCOLA/UNIVERSIDADE

Adelson Silva da Costa[1]
Keucilene Andrade Cunha[2]

Eixo 2 – Formação de professores/as, Saberes e Fazeres docente na Educação Básica e necessidades socioeducativas contemporâneas

Resumo

A escola como representante da educação na esfera pública (Arendt, 2014), deve construir atividades e projetos que deem movimento e vida ao processo de formação dos seus discentes, afinal a escola é tecida para eles e com eles. Assim esse relato de experiência busca compartilhar com a comunidade científica a experiência de construção de projetos nos cotidianos (Certeau, 2014) do Colégio da Polícia Militar (CPM Luiz Tarquínio) em parceria com universidades públicas. Especificamente almejamos: Formar jovens para/com a pesquisa; Construir nos cotidianos da escola o clube de ciências; popularizar na comunidade escolar a concepção de ciência e pesquisa como atividade formal de educação. Para tal empreitada aqui a Pesquisa Participante (Brandão, C. R. e Streck, D. R. 2006) caracteriza nosso caminho, pois essa abordagem metodológica, desvelada durante o processo, vislumbra o imbricamento pesquisador/pesquisado, a imersão no lócus e no problema de pesquisa originada naquela escola, sendo os autores deste trabalho participantes desta comunidade escolar. Diante deste desafio observamos que há uma "micro revolução", nos caminhos de ensinar e aprender nos cotidianos do CPM, bem como um movimento de potência formativa dos nossos discentes e docentes envolvidos nos projetos, ofertados pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), saliento que comungam do mesmo objeto de pesquisa: uso e compreensão das tecnologias, pelos jovens do CPM, com fins a aprendizagem e na busca de soluções para os problemas de nossa cidade. Vale destacar que nos projetos da UFBA há uma ajuda de custo que incentiva a permanência dos jovens na atividade, enquanto a UNEB busca "seduzir" a juventude (Berino, 2018) a partir da ideia da autonomia e da inserção destes na comunidade científica na condição de jovens pesquisadores. Sentimos que tais iniciativas será uma potência para a formação dos jovens, desenvolvendo competências e habilidades essenciais para seu futuro como intelectual, capacidade de leitura, síntese, criticidade, interpretação, autonomia, liderança, solidariedade, com isso a gestão e professores envolvidos, potencializam sua formação continuada participando destes projetos, enquanto nossos jovens sentem-se inseridos na Academia como promissores cientistas.

[1] Colégio da Polícia Militar da Bahia (CPM/Luíz Tarquínio); Doutor em Educação; adelsongeotec@hotmail.com.
[2] Colégio da Polícia Militar da Bahia (CPM/Luíz Tarquínio); Especialista em Educação; adelsongeotec@gmail.com.

ISSN 2674-7227

Palavras-chave: Projetos. Cotidianos. Educação.

Introdução

A escola como representante da educação na esfera púbica Arendt (2014), deve sempre experienciar atividades e projetos que potencializem o ensino e a aprendizagem dos seus jovens, bem como ser contemporânea em ações que dinamizem, deem cores, vida aos cotidianos da escola, (Alves, Barbosa, 2008). nessa perspectiva de formação que o CPM Luiz Tarquínio vem tecendo projetos transdisciplinares em parceria com universidades públicas. São projetos que oportunizam aos jovens uma formação experienciada pelo triple Educação-Ciência-Tecnologia, alinhados à nossa questão de pesquisa: a construção de projetos de ciência entre universidade e escola potencializam a formação dos jovens, desenvolvendo competências e habilidades outras que não estão presentes na formalidade do ensino?

A partir desta reflexão que trançamos nosso objetivo de pesquisa: compartilhar com a comunidade científica a experiência de construção de projetos nos cotidianos (Certeau, 2014) do Colégio da Polícia Militar (CPM Luiz Tarquínio), em parceria com universidades públicas. Alinhando-se ao nosso Projeto Político Pedagógico (PPP).

Certeau (2014) nos ensinou que os cotidianos são tessituras de táticas que buscam romper os "grilhões" instituídos, que engessam caminhos outros para construção de conhecimentos. Assim,

> [...] as táticas são procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo as circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável, à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço, às relações entre momentos sucessivos de um 'golpe', aos cruzamentos possíveis de durações e ritmos heterogêneos etc. (Certeau, 2014, p. 46).

Dialogando com o pensador dos cotidianos compreendemos que as estratégias institucionais, própria das ações ordinárias da educação formal devem dialogar com as táticas astuciosas que são movimentos da gestão escolar para romper com os "grilhões" tecnicistas da educação formal, oportunizando assim outros modos/fazeres educação, então brota a parceria Universidade/Escola com a feitura de projetos para os discentes, com a utilização de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), contemplando a expertise destes "nativos digitais", acerca do tema.

Muito se diz da juventude "Z" como aqueles denominados nativos digitais, que dominam as TIC e as redes, mas será que eles dominam mesmo? Ou são dominados por um sistema ainda obscuro de (des)construção do conhecimento? Na busca de respostas à essas questões que a gestão do CPM Luiz Tarquínio, constrói ferramentas para produção de

ISSN 2674-7227

conhecimentos que atenda essa demanda, assim como a “sagacidade” juvenil quando o assunto é tecnologias, daí vem florescendo a parceria interinstitucional com a UFBA e a UNEB.

Mas precisamos compreender quem são os jovens na dinâmica da vida contemporânea, como eles compreendem seu lugar no mundo das informações e nas redes de saberes fazeres, pois os/as professores/as e sua linguagem científica se distanciaram dos/das estudantes, estes usam a linguagem do mundo da vida que abriga o mundo das tecnologias, silêncios, opacidades e os gestos etc.; mas muitos professores não as compreendem.

> Muitos dos conflitos entre os jovens e as instituições são provocados pela dificuldade de tradução dos sinais que não conseguimos decifrar. Há, portanto, uma crise de sentidos, entre jovens, instituições e sujeitos adultos, habitantes que são de diferentes territórios espaciais e simbólicos da cidade. As instituições parecem não perceber que não se pode educar ou negociar na ausência de uma linguagem comum. (CARRANO, DAYRREL, MAIA, 2014, p. 128).

Nossa proposta perpassa em rediscutir o diálogo na escola, a partir das construções semânticas e heurísticas que as linguagens possuem, indo além dos seus signos escritos e verbais, contudo, afetivos, que extrapolam o visual e o verbal, que são acolhidos na consciência interna das pessoas, em especial os jovens. A escola apresenta o “mundo da ciência” aos jovens, mas estes precisam construir diálogos, junto com a escola, entre o mundo vivido e os conhecimentos científicos, não ao “decoreba”, mas sim ao conhecer e viver este conhecer como algo intrínseco à condição humana (Arendt, 2017).

Para responder as questões levantadas a partir da experiência (Costa, 2023) vivenciadas nos cotidianos do CPM, que buscamos a parceria com as universidades públicas para que estas com seu arcabouço intelectual tecidos nas pesquisas desenvolvidas pudessem “iluminar” nossas indagações com respostas.

Compreendemos que desenvolver práticas tecnológicas na escola significa agregar tecnologia ao processo de ensino-aprendizagem de forma prática, estratégica e eficaz, na perspectiva de aprimorar a educação e preparar os alunos para um futuro cada vez mais digital. Isso envolve não apenas o uso de dispositivos como computadores e tablets, mas também a adoção de ferramentas e métodos que estimulem a criatividade, o pensamento crítico, ético e o trabalho em equipe.

Essa visão de educação estar diretamente atrelada ao nosso Projeto Político Pedagógico (PPP), que se trata de um documento que caracteriza a identidade da unidade escolar e a natureza das suas práticas pedagógicas. O PPP (ou Projeto Educativo) é o plano global da instituição. Pode ser entendido como a sistematização, nunca definitiva, de um processo de Planejamento Participativo, que se aperfeiçoa e se concretiza na caminhada, que define

ISSN 2674-7227

claramente o tipo de ação educativa que se quer realizar. É um instrumento teórico-metodológico para a intervenção e mudança da realidade. É um elemento de organização e integração da atividade prática da instituição neste processo de transformação (Vagula, Barbosa, Baruffi, Montagnini, 2014).

Metodologia

A escolha pela Pesquisa Participante (Brandão, C. R. e Streck, D. R. 2006) caracteriza nosso caminho, pois essa abordagem metodológica desvela a imbricada relação dos autores deste trabalho com o lócus pesquisado, assim como nossa relação de gestores dos projetos citados. Como membros da comunidade escolar buscamos atrelar a concepção de gestão a relação dialógica e ética que adjetiva nossas ações na relação sujeito-sujeito, horizontalidade entre professores, gestão e estudantes, pois para nós não se faz educação com verticalidade e hierarquia mecanicista, nossa ideia de hierarquia parte do diálogo e do consenso, afinal todos/as merecem ser ouvidos.

> A pesquisa participante deve ser compreendida como um repertório múltiplo e diferenciado de experiências de criação coletiva de conhecimentos destinados a superar a oposição sujeito/objeto no interior de processos que geram saberes e na sequência das ações que aspiram gerar transformações a partir também desses conhecimentos. Experiências que sonham substituir o antigo monótono eixo pesquisador/pesquisado, conhecedor/conhecido, cientista/cientificado, pela aventura perigosa, mas historicamente urgente e inevitável, da criação de redes, teias transformadas por diferentes categorias entre iguais/diferentes sabedores solidários do que de fato importa saber (BRANDÃO e STRECK, 2006, p.12).

Percebemos a construção de novos significados metodológicos para a Pesquisa Participante, mas estes significados são acolhidos na própria definição de Brandão e Streck (2006), na própria gênese desta abordagem metodológica que nos convida a ousar métodos e metodologias, caminhos e estruturação destes no caminhar da pesquisa.

Deste modo, apresentaremos a prática da pesquisa e a realização de atividades que estarão imbricadas em toda discussão teórica que fizemos, nos levando a refletir que pesquisa em Educação se faz com o outro e no entrelaçamento de teoria/prática.

São três projetos assim denominados: CAPACIT, objetivo capacitar jovens para trabalhar as TIC, com uma turma mista formada por 30 jovens, reunidos no turno oposto das aulas formais, com professores doutores da UFBA e monitores estudantes de iniciação científica (IC) desta instituição. CAPACITERE, objetivo capacitar jovens para trabalhar com a tecnologias das energias renováveis, refletindo o lugar das energias renováveis na sociedade atual e sua instalação em residências e imóveis comerciais, neste projeto temos uma turma de

ISSN 2674-7227

60 jovens, sendo que o efetivo de professores tem o mesmo perfil do CAPACITIC, sendo este também um projeto da UFBA.

Já o GEOTEC da UNEB busca formar jovens cientistas para compreender o mundo da ciência e a produção científica como construções cotidianas, ou seja, como uma tecnologia humana a serviço da sociedade. Nosso grupo de pesquisadores Jr. É composto por 20 estudantes que desenvolvem pesquisas na área das Ciências Humanas com foco nas tecnologias e na sociedade, buscamos com isso despertar no discente o seu papel social e cidadão, ético e que façam uma releitura das tecnologias a interpretando como construção antropológica, sendo um processo imaterial humano, assim a máquina seria processos tecnológicos resultado da nossa ação racional/criativa.

Aclaramos que Pesquisa Participante é uma insurgência aos métodos tradicionais, descartando uma pesquisa meramente burocrática, verticalizada, em prol do diálogo, do convidar o outro a ser protagonista das (en)cruzilhadas da pesquisa, sendo que as decisões são tomadas em con-versações , buscando o consenso e a confiança do jovem na pesquisa, pois para nós a pesquisa caminha em consensos e quando há dissenso o diálogo ético, prático de uma alteridade com respeito ao outro encontrará harmonia na concordância entre sujeitos.

Resultados e discussões

Em 2025, já podemos definir alguns resultados interessantes: como a inserção de 100 jovens do 9ºano a 3ª série do ensino médio nos projetos, a disponibilidade dos jovens em aprender com o "novo" que rasga a rotina formal da educação, sendo que as atividades ocorrem em turno oposto das aulas, de forma presencial e online, a motivação dos professores que se disponibilizaram a colaborar com as ações do projeto e aprender com as atividades de pesquisa, alimentando o desejo do professor em continuar sua formação na pós-graduação.

O primeiro grupo de Iniciação Científica Jr (ICJR) já demonstra maturidade intelectual e autonomia ao escrever resumos para o CINTERGEO e outros eventos de ciências, nosso Clube de Ciência começa a ser desenhado e dialogado com docentes das Humanidades, Matemática, Ciências da Natureza, Artes e Letras.

Já estamos em elaboração dos custos e da viabilidade de implantar nossa rádio escolar, horta comunitária, bem como a instalação de painéis fotovoltaicos para capitação da energia solar, barateando os custos energéticos da escola e apontando para novos projetos de pesquisas entre nossos jovens, porque para a gestão todas as ações devem dialogar com a ICJR. Ainda temos desafios como poucas salas disponíveis para tais atividades, a limitação de dados de

ISSN 2674-7227

internet, falta de um laboratório, mas ofertamos aos nosso estudantes (três alimentações), transporte para atividades nas universidades, assim como a UFBA disponibiliza ajuda de custo para manutenção dos alunos nos projetos, ainda estamos construindo com as universidades a possibilidade de participar de editais para inclusão dos nosso jovens no programa de bolsas de iniciação científica Jr. objetivando uma ajuda de custo e estímulo a permanência nos projetos.

Considerações finais

Consideramos que estamos avançando para termos uma escola que abriga as linguagens juvenis, que busca contemporizar o caminho de ensinar e aprender, que compreende que educação é caminho trilhados por vários atores em solidariedade, assim a universidade pública é essencial, acolhedora de nossos jovens em seus desejos de conhecimentos e descobertas.

A escola que queremos é aquela que nossos estudantes se sintam acolhidos e queridos, a educação que queremos é aquela com ética, cidadania e inclusão social, a formação que queremos para nossos jovens é aquela que o desperte para seu papel social, cidadão, pois "aqui a palavra convence e o exemplo arrasta", lema do CPM.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda; BARBOSA, Inês de Oliveira. **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas.** Petrópolis. DPetAlli, 2008.

ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro.** Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2014.

ARENDT**,** Hannah. **A Condição Humana**. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017, 286 p.

BERINO, Aristóteles de Paula; **VICTORIO FILHO**, Aldo; **SOARES**, Maria da Conceição Silva. **Múltiplos olhares sobre as juventudes**. Seropédica. RJ: Ed. da UFRRJ, 2018, 124 p.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. 3º ed. Petrópolis: Vozes, 2014, 176 p.

BRANDÃO, C. R. e STRECK, D. R. **Pesquisa Participante:** o Saber da Partilha. 2. ed. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. 3º ed. Petrópolis: Vozes, 2014, 176 p.

COSTA, Adelson Silva da. **Nas (en)cruzilhadas de Exu e Ogum: experiências hermenêuticomultirreferenciais de jovens com as tecnologias em um projeto de Educação Científica**. www.uneb.br/ppgeduc.Salvador, 2023.

DAYRELL, Juarez. **CARRANO**, Paulo; **MAIA,** Carla Linhares. **Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Organizadores. Juarez Dayrell, Paulo Carrano, Carla Linhares Maia. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2014, 339 p.

ISSN 2674-7227

VAGULA, E.; BARBOSA, A.C. A.; BARUFFI, M. M.; MONTAGNINI, R. **C. *Didática***. Londrina: Educacional, 2014.

ISSN 2674-7227